

A pele do leviatã e a geopolítica do vírus: a noosfera como território político dos afetos

Marcelo M. Valença (1) e Bruno de Seixas Carvalho (2)

1- Professor adjunto do Programa de Pós-Graduação em Estudos Marítimos da Escola de Guerra Naval (PPGEM/EGN)

2- Doutorando em Estudos Marítimos pelo Programa de Pós-Graduação de Estudos Marítimos da Escola de Guerra Naval (PPGEM/EGN) e em Ciência Política pela University of Birmingham, do Reino Unido

Introdução

Recentemente, uma pesquisa liderada por Thomas Lecocq, do Observatório Sismológico Real da Bélgica demonstrou que, durante a pandemia trazida pela Covid-19, foi registrada a maior redução de ruído antropogênico de que se tem notícia. A paralisação física do movimento global em virtude das quarentenas internacionais, literalmente, aquietou a terra, diminuindo os ruídos sísmicos do planeta [1].

Essa espécie de “silêncio geológico” funcionaria como uma eloquente metáfora que simbolizaria – em uma escala temporal também geológica – o justo instante que precederia o momento derradeiro de um duelo; como quando, nos filmes de velho oeste, os contendores se examinam mutuamente, até que um lapso temporal quase imperceptível é o clímax que vai separar o vencedor do perdedor. Assim, tal qual os segundos que definem a vida ou morte dos

duelistas, em um tempo geológico e um duelo *geopolítico*, podemos estar vivendo o momento que antecede o confronto entre duas grandes potências ou blocos estatais.

Na esteira de um suposto retorno da geopolítica, ao logo da pandemia da Covid-19 tem-se falado com frequência de uma nova “Guerra Fria” entre os EUA e a China. A expressão popularizou-se através do livro do jornalista Walter Lippmann em 1947 [2], aludindo justamente à dinâmica envolvida entre dois lutadores de boxe que se examinam e se encaram no ringue imediatamente antes da luta (duelo) propriamente dita iniciar [3].

Articulada a noção de poder, território e soberania, a geopolítica “é uma teoria das relações espaciais e causalidade histórica” [4] que ressalta “a importância de padrões geográficos na história política”; uma perspectiva que analisa “as relações de uma lado, geográficas e suas visões, e de outro os processos políticos” [5], uma palavra que

denota “todas as rivalidades de poder em um território” [6] ou mesmo um discurso centrado “no território como objeto e meio do poder de Estado” [7].

Essa chave de entendimento pareceria aplicável para entender a dinâmica política que, em verdade, antecede a crise da Covid-19, e toma lugar particularmente desde a crise de 2008. Os desdobramentos da Primavera Árabe de 2011, com a guerra civil que hoje acontece na Síria, na Líbia e no Iêmen; a anexação da Crimeia pela Rússia em 2014; a disputa corrente do Mar do Sul da China; a postura norte-americana com relação ao Oriente Médio, especialmente o Irã, e mesmo a guerra comercial sino-americana, são apenas alguns dos exemplos mais conspícuos de uma geopolítica que supostamente emularia as condições sob as quais o termo de fato surgiu já nos últimos anos do século XIX.

No entanto, compreender a pandemia como mais um desdobramento geopolítico nesses moldes seria desprezar os segundos imperceptíveis que definem o duelista vitorioso; seria tomar a causa pela consequência e projetar o fim do século XIX no século XX em um flagrante anacronismo. Em outras palavras, a dinâmica que constitui a competição entre os atores internacionais hoje já não mais é a mesma que a da virada para o século anterior: Há hoje todo um “espaço” afetivo construído pela ubiquidade dados e o fluxo de informações que traduzem o mundo em bits e o apresenta em diversas telas. Esse é o

terreno que hoje produz e atravessa o planeta, amalgamando a macropolítica estatal à micropolítica dos afetos [8].

Reconhecer a relevância dessa dinâmica afetiva é atentar para a produção de subjetividade [9] como elemento de peso na política internacional. Negri e Hardt foram talvez os pioneiros em alertar para essa questão, ao apresentarem o conceito de Império [10]. No entanto, se na obra há a hipótese de que seriam os EUA o ator que mobilizaria a lógica imperial, em uma era de soberania global pós-moderna, é justamente o trumpismo que busca retornar os EUA aos princípios geopolíticos clássicos. Durante a pandemia, essa postura destacou-se, especialmente, nas disputas contra a Rússia e a China em torno das vacinas e pelas redes sociais. Assim, vinte anos depois, o Império mostrou-se uma concepção ancorada aos eventos que tomavam lugar no imediato pós-Guerra Fria.

No entanto, se há um retorno da geopolítica, não se trata de um retorno da mesma geopolítica, pois o ato de voltar já é “a forma original do Mesmo”. Isto é, de fato existe um regime de repetição, mas é justamente a partir dele que se apresenta a diferença. Daí, portanto, a questão que nos propomos a tratar: qual *diferença* apresentada pela política internacional durante a pandemia da Covid-19?

Ao abordar esse problema, objetivamos indicar as tendências políticas que norteiam a dinâmica internacional, criando as condições para se construir o amanhã da crise. A hipótese central que atravessará

as páginas seguir situa-se na concepção de que, em uma geopolítica do vírus, a disputa de poder ocorre através de outro “território” denominado *noosfera*. A palavra vem do grego *noos* (mente) e, a partir da obra de Gilles Deleuze, argumentaremos que se trata de uma camada imanente que constitui e atravessa a política internacional, como desdobramento do desenvolvimento tecnológico e o denso fluxo de informações. Nesse ponto, compreendemos a tecnologia, sob a ótica de Bruno de Latour, enquanto um fenômeno sociotécnico, onde a camada social engloba um híbrido composto por humanos e não-humanos operando na natureza.

Assim, embora as fronteiras territoriais clássicas ainda se revelem importante para a crise atual, ela coexiste e é operada pela *noosfera*, tomando velocidade a partir da ubiquidade de dados envolvidos nas produções de subjetividade e modulação de afetos [11]. Desse modo, a partir de uma breve revisão bibliográfica, empreendermos uma análise qualitativa sobre a dinâmica da noosfera buscando apontar exemplos práticos, em pequenos estudos de casos envolvendo a postura dos EUA durante a Covid -19. Analisar os EUA nos parece relevante, posto que sua política externa, desde a Segunda Guerra Mundial, induz fenômenos correlatos no sistema internacional. A ascensão de Trump e sua gestão na iminência de uma reeleição parecem não fugir a essa tendência, não sem apresentar uma divergência histórica à trajetória norte-americana no

ambiente internacional ao longo do século XX.

Desse modo, este artigo divide-se em quatro partes. Na primeira parte, esboçaremos o surgimento do discurso geopolítico indicando a conjuntura política e epistêmica que o atravessa. A seguir, analisaremos o conceito de Império, propugnado por Negri e Hardt, apontando seus usos e sua contemporaneidade, vinte anos após a publicação da obra. Na terceira parte, apresentaremos o conceito de noosfera, após o que, na quarta parte, buscaremos verificá-la em breves análises de a partir da postura dos EUA durante a pandemia.

Uma breve arqueologia do discurso Geopolítico

O surgimento da geopolítica enquanto saber específico pode ser considerado um dos desdobramentos da geografia política de fins do século XIX – embora Yves Lacoste perceba já em Heródoto sua gênese, em virtude de sua análise histórica das guerras médicas (499-449 ac) [12]. Tratando as relações internacionais à luz das máximas Spencerianas de seu tempo, sob as bases epistemológicas de um positivismo científico que mira a civilização e o progresso, a geopolítica aparece como uma chave de entendimento para dar lastro político à atuação do Estado no espaço.

Estado e território articulam-se a partir do movimento do primeiro sobre o segundo, dirigido por relações poder macroscópicas e racionais, introjetadas

na cabeça do Leviatã. Duas grandes vertentes forjaram as bases desse tipo de saber, uma de origem germânica, mais desconectada do jogo de forças materiais entre os Estados e dirigida por um forte viés ideológico; a outra de inclinação anglo saxã, mais pragmática e cientificista.

A vertente germânica tem em Rudolf Kjellén o próprio inventor do neologismo *Geopolitik*. Embora sueco, Kjellén nutria forte admiração pelo Império Alemão e via sua ascensão inevitável como a peça chave para ascensão de um bloco que se estenderia da Escandinávia e o Báltico até os Balcãs incorporando a Europa oriental [13]. Kjellen enxergava os Estados enquanto um verdadeiros organismos que “vigorosos e cheios de vida possuem um espaço limitado e obedecem ao categórico imperativo de expandir seu espaço, seja por colonização, amalgamação ou conquista”. [14] A geopolítica, pois, surge como um dos 5 saberes [15] essenciais para se compreender a figura do Estado mas que, dada sua importância, a eles sobrepunha-se.

Kjellen incorpora em grande medida as ideias esboçadas pelo então professor da Universidade de Leipzig, Friederich Ratzel em seu livro *Politische Geographie* (Geografia Política) de 1897. Nessa obra, Ratzel propõe-se a desvendar as leis naturais que governam a expansão territorial e as relações entre os humanos e o Estado. Sem negar suas origens como zoológico, tributário, portanto, da “sobrevivência do mais forte” spenceriana, Ratzel acreditava que as fronteiras entre os

estados eram a expressão concreta de seu poder. Para consolidá-las, a guerra seria inexorável, pois funcionaria como “a grande escola para conceituar a dominação espacial”. [16] Tal seria a maneira legítima de assegurar o *Lebensraum*, ou espaço vital, termo cunhado primeiramente por Ratzel.

As ressonâncias com o nazismo não são mera coincidência. Karl Haushofer não somente foi discípulo de Ratzel, como leitor voraz de Kjellen, introduzindo a *Geopolitik* a Hitler e Rudolf Hess em 1924, quando de sua prisão em Landsberg um ano antes, fruto do malogro do “Putsch da cervejaria”. [17] Com isso, os princípios geopolíticos foram encaixados e apropriados pelas pretensões ideológicas alemãs, e ao longo dos anos de 1930, compuseram o racismo de estado nazista que levaria o mundo à Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

A vertente anglo-saxã, embora ancorada numa perspectiva civilizatória inerente ao período final do século XIX, teorizam sobre a geopolítica de maneira mais cientificista, mais ancorada no espaço e nos cálculos racionais do espaço. Ainda sem utilizar o termo “geopolítica”, mas uma “geografia política aplicada às ideias globais”, o britânico H. Mackinder em sua seminal palestra “O eixo geográfico da história”, em 1904, esboça as principais visões de uma suposta vertente anglo-saxã. Na ocasião, Mackinder argumenta que o início do século XX tratava-se de uma “era pós-colombiana”, pois o ambiente marítimo já haveria cumprido seu

papel enquanto elemento chave para história, uma vez que o globo terrestre já havia sido por ele descoberto e cartografado. Desse modo, a política internacional era, na verdade, sistema fechado, donde seria possível “tentar, em alguma medida de completude, uma correlação entre largas generalizações geográficas e históricas”. [18]

Daí a sua ideia central de um *Heartland*, isto é, um território historicamente tão estratégico por suas características naturais que, se conquistado, inexoravelmente resultaria na conquista do mundo por quem o fizesse. Mackinder demonstra que o *Heartland* constitui-se pelos territórios da antiga URSS e a Europa Ocidental, de modo que um dos silogismos estratégicos consagrados de seu pensamento é a máxima “Quem domina a Europa Oriental, controla o Heartland, quem domina o Heartland, controla a Ilha Global, e quem domina a Ilha Global, conquista o Mundo” [19]. Por isso, o britânico é conhecido por muitos como o pai da teoria do poder terrestre.

Não mais tratando do espaço terrestre, mas do espaço marítimo, em 1890, destaca-se a publicação do livro *The Influence of Sea Power Upon History (1660-1783)* do oficial de Marinha norte-americano Alfred T. Mahan. A obra em questão tornou-se um verdadeiro *best-seller* para sua época, sendo traduzida em diversos idiomas e servindo de paradigma estratégico das Marinhas na Primeira e Segunda Guerra Mundial. Mahan não utilizou o termo geopolítica, mas é

considerado um dos pais de uma suposta geopolítica do mar [20].

Mahan acreditava que a estratégia marítima obedecia a princípios universais atemporais e imutáveis, de modo que seis elementos traduziriam a grandeza dos oceanos para o *Sea Power* impulsionador da prosperidade das nações: posição geográfica, extensão territorial, configuração da costa, tamanho da população, caráter do governo e caráter nacional. Dominar esses elementos seria o primeiro passo o controle do mar, este alcançado na prática, por uma batalha decisiva capaz de aniquilar a esquadra adversária. A perspectiva mahaniana vulgariza o mar como o espaço para a afirmação dos interesses estatais, sendo encetando-o como um instrumento de domínio. [21] Não à toa, já em 1898, os EUA entram em guerra contra a Espanha tomando Cuba e as Filipinas, sendo Cuba, consoante ao que Mahan ilha de imensa importância estratégia para seu país no Golfo do México [22].

Após a Segunda Guerra, a associação com o nazismo enfraqueceu a geopolítica enquanto campo distinto do saber, embora muito de seus princípios basilares estivessem de certa forma presentes sob o escopo dos estudos estratégicos e a geografia política [23]. Nos EUA, uma série de pensadores refugiados no país, por conta da Segunda Guerra, começam a introduzir o conceito. Já na década de 1940 Robert Strausz-Hupé, busca desconectar a geopolítica dos alemães, descreditando Haushoffer [24]. O holandês Nicholas Spykman, da mesma

forma, percebe a relevância do assunto, alertando que uma abordagem geopolítica-*realpolitik* poderia beneficiar os Estados Unidos. Afeto às ideias de Mackinder, Spykman acreditava que a história se dava nas latitudes temperadas e que a busca pelo equilíbrio de poder correspondia à lei da natureza e à ética cristã [25].

No Brasil, já pelas décadas de 1940, Mário Travassos publica o clássico *Projeção Continental do Brasil*. Se Mackinder apresenta as nuances históricas condicionadas pela geografia do *Heartland*, analisando os antagonismos regionais brasileiros, Travassos insere o Brasil como resultado dialético entre duas condicionantes geográficas: bacia do rio da prata e bacia do rio Amazonas; e os oceanos Atlântico e Pacífico. Sobre a última, diz o autor:

No primeiro desses antagonismos, as cumeadas dos Andes dividem águas para dois oceanos especificamente diferentes. Para oeste, o Pacífico, “o mar solitário”, o oceano de feixes de circulação regionais, das extensões sem fim, das grandes profundidades polinésias. Para leste, o Atlântico, cujas águas são as mais frequentes do globo, em cujas costas a ecúmeno marítima se encontra magnificamente definida e onde o planalto continental é dos mais piscosos. [26]

Além de Travassos, Everardo Backheuser, sistematiza e supervisiona o ensino da disciplina que começa a surgir nos cursos superiores do país.

da Geopolítica, tratando do Estado enquanto um “organismo geográfico” Backheuser é peremptório em admitir que tal definição “é de meridiana translucidez e a nosso ver se mantém como a melhor a mais precisa e a mais enxuta entre quantas outras se lhe sigam”[27]

A geopolítica ressurgirá a partir da década de 1970, como desdobramento das mudanças na política internacional, como o arrefecimento das relações EUAxURSS, a crescente onda de descolonização e a maior consistência do então “Terceiro Mundo”. [28] O termo ganhará novamente evidência quando da publicação das memórias de Henri Kissinger, durante seu período na Casa Branca, na obra *The White House Years* em 1979. Kissinger refere-se à geopolítica como sinônimo de suposto equilíbrio global motivado pela busca dos interesses nacionais dos Estados. [29]

Desse modo, nos termos que propugnava já ao final do século XIX, a geopolítica atravessa o século XX levando em consideração a política internacional como um sistema fechado, onde território e soberania explicam e mesmo preveem o movimento dos Estados, estes movidos por um cálculo racional de interesses. O armamento nuclear e a “racionalidade da irracionalidade de um conflito”, acabam incorporando a onda behaviorista que havia iniciado na década de 1950 e teorias cada vez mais sofisticadas de expectativas racionais de interesse passam a tomar conta do debate sobre a política

internacional.[30] Bastante coerente às teorias de realistas e neorrealistas das relações internacionais [31] a geopolítica passa a se difundir como moldura de análise para se orientar a atuação dos Estados.

Império e Geopolítica

Se a visão geopolítica clássica incorpora valores transcendentais e o Estado-nação como elemento político e epistêmico, Negri e Hardt buscam trazer uma abordagem com a imanência necessária ao século XXI. Escrevendo após a Primeira Guerra do Golfo (1991) e a guerra na Bósnia (1992-1995), introduzem um novo elemento para se compreender e experimentar a dinâmica internacional em si mesma: a construção de subjetividade como novo terreno de disputa política. Como Barkawi e Laffey ressaltam, o pioneirismo dos autores está justamente em transladar as relações internacionais para as relações mesmas, no lugar de ancorar-se nos Estados ou normas internacionais, como propugnam as escolas clássicas do realismo/neorrealismo e liberal/institucionalismo. [32] Império é o elemento político que incorpora tal dinâmica, este que, marcando a passagem para uma soberania dita pós-moderna, imiscui sujeito, Estado e os novos atores internacionais em uma gramática global onde a clivagem espacial dentro/fora não mais faria sentido.

Diferentemente da geopolítica clássica atravessada pela ideologia

social-darwinista e pelo cientificismo progressista do fim século XIX, o Império atua em um plano de imanência constituído pelos fluxos de capital globalizados. A tecnologia da informação diagrama símbolos e códigos em uma *axiomática* que atua diretamente no mundo real e marca a passagem qualitativa para uma economia informacional ou pós-industrial, onde o trabalho imaterial produz o valor afetivo que constitui a própria vida. O espaço liso “definido por fluxos não codificados, flexibilidade, modulação contínua e equalização tendencial”, não conhece fronteiras e escapa à cabeça do Leviatã. Em suma: não existe um fora do Império, da mesma forma que tudo é público. Desse modo Império e imperialismo não se confundem, pois o segundo precisa do esquema molar territorial que qualifica a dinâmica geopolítica da soberania moderna.

Se território e Estado são elementos discretos para os geopolíticos clássicos; o território onde opera o Império é contínuo, constitui e é constituído pelo espaço global de modulação afetiva das subjetividades, misturando-as em “um jogo de graus de intensidade, hibridismo e artificialidade”. Daí o bipoder foucaultiano: “uma forma de poder que regula a vida social do seu interior [...], o Biopoder refere-se a uma situação que o que está em jogo é a produção e reprodução da vida em si”. Não é por outro motivo que Negri e Hardt escolhem como alternativa ao Império a afirmação da multidão, uma multiplicidade de singularidades que

ultrapassaria a concepção Imperial. Vinte anos depois da obra Negri e Hardt, perguntar se os autores estavam certos ou errados é um problema inexistente. No lugar de se aferir a confirmação das previsões teóricas apresentadas em *Império*, importa analisar o conceito, seus usos e acoplamentos. Duas críticas podem ser endereçadas à obra das outras, uma de ordem política e outra de caráter filosófico.

Como Barkawi e Laffey assinalam, do ponto de vista político é questionável se há de fato uma passagem descontínua entre o *Império* em contraposição ao imperialismo; como se o segundo pertencesse inteiramente ao passado e, no lugar, o primeiro vigorasse peremptória e definitivamente. Para Negri e Hardt, isso ocorreria por intermédio dos EUA, que seriam o exemplo de uma hegemonia Imperial, pois “a ideia contemporânea do *Império* nasce através da expansão global do projeto interno constitucional dos EUA”. Com isso agindo como a polícia da paz e conformando as instituições multilaterais, os EUA dirigem “a primeira fase da transformação da fronteira global em um espaço aberto de soberania imperial”.

Entretanto, não somente o marco temporal que insere a soberania imperial norte-americana pós-moderna – em 1968 a partir da guerra do Vietnã – como a própria consistência desse modelo são questionáveis e desconectam-se da realidade política contemporânea. Se Negri e Hardt jamais poderiam prever a crise de 2008

e a saturação do modelo imperial que sugerem, de dentro do próprio sistema – em vez de impulsionados pela multidão – menos ainda vislumbrariam a eleição de Trump em 2016. E é o trumpismo que, por sua vez, advoga justamente os cânones da soberania moderna, sendo eleito a partir da promessa de demarcação abrupta de seu território na fronteira com o México por meio de um muro.

Mais ainda, Negri e Hardt argumentam que o controle imperial se dá a partir mecanismos globais e absolutos, dentre os quais destacam-se as armas nucleares. Sobre elas, alegam que “a ameaça da bomba imperial reduziu toda guerra a um conflito limitado; uma guerra civil; uma guerra suja e por aí vai” sugerindo que o conflito interestatal estaria com os dias contados, especialmente entre potências nucleares. Novamente, não é isso que se verificou na prática, desde a guerra das Malvinas – embora uma guerra limitada, inteiramente motivada por pretensões soberanas em termos modernos e envolvendo uma potência nuclear, o Reino Unido – até a retomada da Crimeia em 2014. Ademais, as armas nucleares ainda figuram no centro do jogo de interesses políticos, aos moldes de uma dinâmica moderna de soberania, como se viu com a Coreia do Norte e com o Irã.

A outra crítica é de caráter filosófico, mas que também poderia explicar a desconexão apresentada pela obra de Negri e Hardt com o presente. Com efeito, como Nichola Tampio argumenta, resquícius leninistas

atravessam o conceito de Império, como a preponderância do proletariado (multidões) como vetor de mudança política; um *telos* político apriorístico que visa acabar com a soberania estatal e a revolução como instrumento para tal. Primeiramente, a ideia de multidões não exatamente apresenta a expressão de um devir-minoritário que, para Deleuze, seria justamente uma das condições para se construir linhas de fuga e criar novo. Em uma das entrevistas concedidas a Negri, perguntado por este se existiria um “modo para que a resistência dos oprimidos possa tornar-se eficaz e para que o intolerável seja efetivamente banido” ou se existira modelo para que “a massa de singularidade e de átomos” se apresente, Deleuze responde que:

“Todo mundo, sob um ou outro aspecto, está tomado por um devir minoritário que o arrastaria para caminhos desconhecidos caso consentisse em segui-lo. Quando uma minoria cria para si modelos, é porque quer tornar-se majoritária, e sem dúvida isso é inevitável para sua sobrevivência ou salvação [...] mas sua potência provém do que ela soube criar, e que passará mais ou menos para o modelo, sem dele depender”

Talvez por isso, Negri e Hardt argumentam que em Mil Platôs, embora Deleuze e Guatarri consigam captar a dinâmica de forças que constituem a “substância ontológica da produção social”, articulam-na “superficialmente e de maneira

superficial e efêmera, enquanto um horizonte caótico marcado por um evento a que se alcança”. Mas o fato é que, ao atualizar o proletariado para as multidões, como solução para o *telos* político, o conceito de Império perde sua plasticidade, já que, ao problema que suscita, uma saída já pronta estaria construída.

A emergência da noosfera

Assim, o conceito de Império, tal qual formulado nos anos 2000 ainda não encontra a funcionalidade que requer para se compreender a dinâmica política contemporânea intensificada pela pandemia. Se o modelo geopolítico clássico é anacrônico, o Imperial incorre na mesma tendência, pois articula-se a um retrato específico do período político do pós-Guerra Fria.

No entanto, o trabalho imaterial e sua dinâmica afetiva, tal qual Negri e Hardt explicam, sem dúvida encontram expressão nos dias de hoje. Porém, as condições que permitem sua proliferação estão, não em um ente soberano pós-moderno; mas em uma tessitura ontológica que toma espessura na imanência de dados que constroem e cercam o mundo atual: a *noosfera*.

A palavra vem do grego *Noos*, que significa “mente” e tem suas origens no início do século XX, particularmente pelos trabalhos do padre francês jesuíta, Pierre Teilhard de Chardin e do geólogo russo Wladimir Vernadsky. Para o primeiro, por intermédio do desenvolvimento

tecnológico à época, uma espécie de “planetização” da humanidade estaria em curso, de modo que “materialmente e de maneira tangível, o envelope pensante da terra - a noosfera - esta[ria] incrementando suas fibras e adensando sua rede” . Chardin incorporava os ideais civilizatórios da época, em uma visão de que “forças benevolentes” estariam atuando, e o processo evolutivo histórico sinalizava que “sociedade e organismo social não mais tratam-se de um mero simbolismo, mas devem ser enxergados de maneira realistas”.

Vernadsky compartilhava da mesma perspectiva histórica, considerando, ademais, que os fenômenos que ocorriam no planeta, faziam parte de um longo mecanismo de evolução da crosta terrestre: um amplo processo geológico sujeito às leis empíricas da natureza, e, portanto, à generalização. O segundo passo desse processo evolutivo, após a constituição da geosfera, seria a consolidação da biosfera, camada de matéria viva que habita o planeta e o separa do meio cósmico, contendo, pois, a humanidade. A biosfera, encaixada no *telos* das leis naturais estaria passando também por uma modificação, pois:

“A humanidade, tomada com um todo, está se tornando uma força geológica poderosa. Surge o problema, portanto da reconstrução da biosfera aos interesses do livre pensamento humano com uma totalidade única. Esse novo estado da biosfera, ao qual estamos nos aproximando sem

percebermos, é a noosfera [...]. A noosfera é o novo fenômeno geológico do nosso planeta. E nele, pela primeira vez o homem se torna uma força geológica em larga escala”

Assim, Vernadsky e Chardin acreditavam que a noosfera seria a camada do pensamento que transformaria o mundo em uma nova era em que a humanidade estaria em um novo patamar moral.

Na virada para o século XXI, a ideia de uma noosfera foi resgatada por dois analistas das RAND, objetivando orientar a grande estratégia norte americana. John Arquilla e David Ronfelt em uma obra de 1999, inserem a noosfera na conjuntura sociotécnica e política de sua época, marcada por um intenso desenvolvimento tecnológico e familiar otimismo científico, devido ao fim da Guerra Fria e o desenvolvimento da internet.

A noosfera seria, pois, um grau mais abstrato das dimensões informacionais, englobando e confundindo-se com o ciberespaço e a infosfera. Se o ciberespaço relaciona-se ao tratamento técnico da informação e a infosfera, a seu caráter organizacional, em um nível mais elevado de abstração, a noosfera diz respeito ao efetivo compartilhamento de ideias e associa-se aos atores internacionais como as ONGs, Universidades e a ONU.

Tabela 1 (consultar)

A proposta dos autores era justamente adotar a noosfera enquanto conceito

para orientar os tomadores de decisão norte-americanos a enfatizar a dinâmica estrutural e processual da informação, na medida em que:

“ A noosfera, como a mente, é um sistema de processamento e estruturação de informação - e essa distinção é importante. O processamento de informação foca na transmissão das informações como *inputs* e *outputs* de um sistema. Em contraste, a perspectiva estrutural visa a iluminar os objetivos, valores e práticas que uma organização ou sistema incorporam[...]. Enquanto o processamento de informações tende a iluminar a tecnologia como um fator crítico, a estruturação de informações é o que orienta o capital humano ideacional”

Desde a publicação do livro, Arquilla e Ronfelt tem buscado atualizar as ideias esposadas, em uma espécie de balanço crítico da postura norte-americana dentro da perspectiva da noosfera e a tendência política que a engendraria, a *noopolitik*. Em uma primeira revisão em 2007, reconheceram que “a *noopolitik* era ainda uma ideia do futuro” pois os desdobramentos do 11 de Setembro, com “as invasões militares e a diplomacia coercitiva dos últimos anos implicaram em uma persistência das antigas formas de estadismo”.

Em 2018, em novo artigo, ainda reconhecendo a projeção tímida do conceito e a necessidade de complementar *realpolitik* e *noopolitik* em uma *Grand Strategy* coerente, os

autores criticam severamente a política externa norte americana propugnada por Donald Trump. Para Arquilla e Ronfelt, a negação de pautas globais, o atrofiamento do *soft power* norte-americano e a falta de contato com a sociedade civil, tem condicionados os EUA a vulnerabilidades de caráter estatal (Russa e China) e não-estatal (Wikileaks): é como se a ameaça primordial aos EUA estivesse antes em seu próprio presidente.

A saída que os autores enxergam é encarar a noosfera tal qual um *global common*, isto é, um “domínio tão interconectado e interdependente que, em termos operacionais, funcionam como uma totalidade em vez de somente como a soma das partes que o compõe”. Desse modo, como uma espécie de “infraestrutura global”, o acesso aos *global commons* é a espinha dorsal da ordem política e econômica contemporânea e por isso, para os autores, a postura política dos EUA, em sua histórica contribuição moral para humanidade, deveria incorporar a noosfera enquanto tal.

Em suma, Arquilla e Ronfelt acabam por endereçar à noosfera a relevância da informação para a política internacional, ressaltando a emergência de uma totalidade em construção a ser levada a sério. Nesse sentido, os interesses nacionais “ainda exercerão seu papel, mas eles devem ser definidos mais em um escopo social amplo do que em termos estado-cêntricos e devem se fundir a interesses mais amplos, mesmo globais em incrementar a transnacionalidade

da fábrica em rede em que os atores [internacionais] encontram-se inseridos”.

A pele do leviatã e a política internacional dos afetos

Até aqui, portanto, podemos perceber que o conceito de noosfera acaba atravessando as perspectivas geopolítica e Imperial. Tal qual os geopolíticos clássicos, Vernadsky e Chardin compartilham a visão de uma espécie de fundamento ontológico na terra – *geos* enquanto força histórica e política e *geos* enquanto força motriz da história da humanidade. Atualizando o conceito, Arquilla e Ronfelt entram em ressonância com a ideia do Império, como Hardt e Negri propugnam – embora por abordagem totalmente distintas – ao empregar a noosfera como uma espécie de totalidade em construção, conformando a política internacional, fruto da tecnologia das informações e tendo nos EUA o ator principal nesse processo.

Entretanto, os norte-americanos ainda compartilham da perspectiva transcendental e progressista encetada por Chardin e Vernadsky, alegando que “o mundo ainda não está na era da noosfera, mas no lugar, em uma era de transição, longe de ser pacífica”. Como se existisse um lugar pré-concebido e moralmente correto num tempo futuro que se desdobra naturalmente. Ademais, ao considerarem a noosfera um global common, a *noopolitik* aparece quase que como um

imperativo moral dos EUA, ressoando o viés excepcionalista wilsonianos traçado desde o fim da Primeira Guerra Mundial.

Seria preciso, pois, dar um passo adiante e reconhecer a materialidade imanente da noosfera, não enquanto *locus* de um mundo idealizado por uma concepção de liberdade e democracia aprioristicamente encaixados na realidade norte-americana, mas como tecido de construção e disputa política. A ubiquidade de dados produzidos e processados com a internet das coisas; as redes sociais; as técnicas de *machine learning* e a autonomia algorítmica que vivencia-se hoje, indica que a noosfera não está para além do mundo concreto; mas ela o atravessa e o constitui.

Se há uma dinâmica afetiva nesse processo, ela não ocorre por obra do mercado global, mas pelas próprias máquinas desejanças mobilizadas pelas bombas semióticas que atravessam as telas onde o mundo acontece nos smartphones, computadores, relógios e televisões; isto é, um “mundo tela, um mundo exclusivamente povoado de imagens que desfilam sem parar e comunicam diretamente sua informação a um cérebro saturado”. O olho simplesmente perde sua função de visão – imagens para ler, e em vez imagens para ver – e é, como que abreviado pelo conjunto cérebro-tela. Em um fenômeno que ainda não atinge um nível de consciência, ou, seja, antes do *self* aparecer na mente, essa dinâmica afetiva ganha velocidade e

circulação ao ser traduzida em dados: desde a tonalidade de azul da timeline do Facebook mais aprazível, passando pelo lugar para onde se mira o olhar na tela do celular até os likes e compartilhamentos no Twitter. Tudo isso é transportado em bits e tratados por algoritmos e retornam, posteriormente, à mesma tela, agora atualizados em de anúncios, fotos, e produtos, construindo e reconstruindo uma mente global – pois passa-se a igualar os desiguais a nível planetário em infinitas iterações – a partir da produção do sujeito.

Daí o rigor da palavra *noos*, com todo seu viés inconsciente, isto é: um *noos* que não se forma a partir da consciência, mas a despeito dela. Ademais, espinosa já nos mostrava que a dualidade entre corpo e mente não é excludente, o que se verifica nos dias de hoje. Portanto, a noosfera toma espessura partir dos dados transacionados na micropolítica cotidiana, em um processo semiótico e afetivo, desprovido de qualquer tipo de *telos* racional. Conectando as práticas mais mundanas do dia a dia à grande estratégia dos Estados em um regime de visibilidade e invisibilidade, a noosfera nos ajuda a compreender o caráter contingente e imprevisível da política internacional atual. Desse modo, em vez de se associar à mente racional acoplada à cabeça do Leviatã; a noosfera funciona como a pele, como Michel Serres nos apresenta:

“A pele é uma variedade de contingências: é nela, por ela e com ela

que o mundo inteiro se toca com meu corpo, o sente, e por ele é sentido, ela define as fronteiras comuns. Contingência quer dizer um tangenciamento comum: mundo e corpo se acoplam e se acariciam. [...] A pele intervém entre diversas coisas do mundo e as misturam. [...] A pele, uma topologia mais do que uma geometria, acontece sem qualquer medida. A topologia é táctil. A pele, multissenorial pode passar por nosso senso comum.” É evidente que não se trata aqui de negar a relevância do espaço territorial e das práticas geopolíticas clássicas. Ao contrário: o que se tem acompanhado é a mobilização da noosfera por intermédio da lógica competitiva inerente à *realpolitik*. Estados e demais atores internacionais travam batalhas cada vez mais intensas para capturar afetos e convergi-los para seus interesses próprios. O terreno a partir do qual a geopolítica atua é a noosfera. Vejamos como isso se aplica à pandemia trazida pela Covid-19.

A geopolítica do vírus em uma dimensão noosférica

Tratamos de uma “geopolítica do vírus” quando compreendemos a Covid-19 como engendrada pelos interesses materiais dos Estados, dirigindo o cálculo político que lhes interessa. Uma geopolítica do vírus, é, pois, uma inserção da covid-19 na *realpolitik* e seu emprego na estratégia dos atores no plano internacional. Como dissemos, essa característica não exclui a noosfera enquanto dimensão política, mas, de outro modo,

reforça-a, pois é por meio dela que a geopolítica ocorre.

A pandemia, portanto, apresentou duas dinâmicas antitéticas, mas complementares: por um lado trata-se de uma questão, por definição, global, mas cuja solução depende da atuação dos Estados e seu isolamento em si mesmos. Por outro é justamente esse isolamento que requer a circulação da informação e contribui ainda mais para a constituição da noosfera e da interconexão global. Aplicativos como Teams, Webex, Zoom; links de *lives* em vídeos do Youtube ou no Instagram; compras online em aplicativos diversos, atravessam a rotina global diária do planeta. Ao famoso acrônimo G.A.F.A (Google, Apple, Facebook e Amazon) atribui-se um vigoroso crescimento econômico fruto do aumento pela demanda de seus serviços.

Se o Estado retoma sua importância como principal ator capaz de gerir a saúde e a segurança de sua população, é na ubiquidade escancarada de dados compondo um intenso fluxo de informações, que veiculará seus interesses e articulará e sua estratégia a partir do vírus. Assim, a circulação da Covid se dá tão rapidamente quanto as notícias a seu respeito. Penetrando nas relações diplomáticas, saturando a opinião pública e proliferando em um cenário marcado por batalhas de narrativas cada vez mais sofisticadas, uma espécie de “teatro de operações afetivo” é o que condicionará a vitória sobre corações e mentes.

Tal qual o vírus em si, é preciso

uma estratégia também viral para fazer proliferar narrativas a seu respeito e mobilizar a noosfera. Ainda no começo da pandemia, quando Itália e Espanha, no ápice de sua crise, precisaram contar com o suporte da União Europeia, França e Alemanha bloquearam as exportações de máscaras e equipamentos médicos. Essa fragilidade no esquema multilateral europeu foi explorada pelo apoio da Rússia, enviando suporte 24 horas depois; e pela China, que mobilizou luvas, respiradores e máscaras para auxílio. A publicidade dessas manobras, a despeito da qualidade e mesmo funcionamento dos equipamentos enviados, foi diluída na teia de algoritmos das redes sociais, visando espalhar a capacidade de moldar a política de saúde global para conter a pandemia.

É ainda nessa perspectiva que controvérsias acerca dos tratamentos para o vírus transformam-se também em elementos de disputa, por meio de uma intensa batalha afetiva. Uma série de medicamentos com eficácia duvidosa não mais são avaliados pelo rigor dos critérios científicos, mas pela legitimidade de seu portador que os insere em suas estratégias políticas. Nesse sentido, emblemática foi a intensidade que ganhou a cloroquina/hidroxicloroquina. De acordo com o levantamento do jornal *The Washington Post*, tudo haveria começado com um simples tweet de Elon Musk sugerindo que “talvez seja importante considerar cloroquina para C19”. Após críticas severas ao médico francês Didier Raoult, que haveria

sugerido seu tratamento em um *journal* que posteriormente o criticou, uma série de tweets e retweets de Trump buscavam emplacar uma narrativa vitoriosa para o remédio que rapidamente ganhou aderência entre seus apoiadores.

Dentre esses apoiadores, destaca-se o presidente brasileiro, que mesmo desaconselhado pelo seu então ministro da saúde, resolveu comprar insumos da Índia para incrementar a produção nacional do remédio, mesmo sem qualquer tipo de comprovação médica de sua eficácia. Após diversos testes realizados com o medicamento, chegou-se a relativo consenso de sua ineficácia, quando em junho a OMS desautorizou a continuidade de seus testes. Contudo, isso não impediu de, após ter contraído a doença, Bolsonaro insistir na medicação, postando fotos em suas redes sociais com ela nas mãos como um totem. De maneira semelhante, após Trump ter contraído a doença, já no início de outubro, hashtags como #hydroxychloroquine e #HCQWORKS proliferaram no twitter trazendo de volta o debate.

Essa dinâmica durante a pandemia, ressalta um viés que se arrasta desde 2016: a postura geopolítica dos EUA reflete e confunde-se com os interesses pessoais da conta de seu presidente no Twitter. Embora seja aparentemente uma questão de *politics* e não de *policy* é preciso lembrar da amplitude global da noosfera, onde um mero tweet poderá desencadear efeitos políticos globais e peremptórios. Desse modo, o *Great Power Competition* invocado na

National Defense Strategy de 2018 textualmente elege a China e Rússia como inimigos nacionais. A guerra comercial contra a China trasladou-se para a guerra contra o “vírus chinês”, sob fortes alegações de seu maniqueísmo com relação à OMS. Trump critica a falta de comprometimento dos chineses em conter a Covid, embora ainda em janeiro tenha considerado que a China estava “trabalhando duro para conter o Coronavírus” e que os EUA “apreciam enormemente seus esforços e transparência”.

Essas contradições pouco contribuem para afetar a base de seguidores de Trump, pois, em uma dinâmica que se repete em outros Estados, acabam incrementando o campo de ressentimentos que a constitui, fomentando cada vez mais a disseminação de teorias conspiratórias. Nesse aspecto, talvez o mais impactante desses movimentos seja o grupo pró-Trump Qanon, que se ganhou consistência após alegar possuir informações secretas sobre uma batalha secreta entre Trump e um grupo global de pedófilos, dentre os quais, estariam incluídos George Soros, Hillary Clinton, Barack Obama e até o Papa Francisco. O grupo acredita que Trump tenha sido recrutado por generais para ser presidente em 2016 para acabar com essa conspiração satânica e, a partir do Youtube, passou a disseminar suas teorias, (em geral anti-semitas, racistas e de cunho nazi-fascista) e também de desinformação sobre a Covid-19.

A intensidade e circulação desse tipo

de movimento somente é possível por intermédio da noosfera e é a partir de sua modulação afetiva que os interesses dos atores internacionais são dirigidos. Contudo, essa espécie de vulnerabilidade no território da noosfera, dá ensejo aos inimigos norte americanos a também ganharem vantagem. Há fortes indícios de influências Russas, por exemplo, mimetizando sites de instituições renomadas com supostos artigos científicos, bem como milhares de *bots* multiplicando fatos que correspondem somente aos interesses políticos de Putin, que envolvem enfraquecer os EUA.

Nesse sentido, a geopolítica Russa durante a pandemia é um caso particular em virtude da produção de vacinas e a promessa de cura que elas vêm representando. Com mais de centenas de companhias incrementando as expectativas e a esperança para conter a Covid-19, ainda esse ano, uma espécie de “corrida espacial” da vacina estaria em curso, de modo que se poderia emular o silogismo de Mackinder: “quem domina a vacina, controla o Covid-19, quem domina o Covid-19 controla o mundo”.

Sob essa lógica, mesmo com a Rússia acusada de realizar ataques cibernéticos contra empresas e universidades britânicas, canadenses e americanas e ao arripio da própria OMS a Sputnik V foi a primeira vacina a ser lançada no mundo. Embora ainda sob forte escrutínio científico da comunidade internacional, a eficácia da vacina foi asseverada pelo próprio

Putin em uma reunião do governo disponibilizada no YouTube. O nome escolhido pela vacina revela sua importância enquanto vetor geopolítico que precisa ganhar território na noosfera, buscando a confiança necessária emplacá-la.

O caso da China passa pela mesma dinâmica, não apenas envolvendo acusações de ataques cibernéticos, mas também a partir do emprego da vacina para demonstrar superioridade, ante à disputa geopolítica com os EUA. A produção vem ocorrendo a partir da articulação entre setores privados e a unidade de pesquisa médica do PLA. Entre as vacinas em fase de testes clínicos, quatro são chinesas e uma delas, a Sinovac, em fase final de testes no Brasil. Engolfada pela disputa com os EUA, a Sinovac, embora recebendo o aval científico do renomado instituto Butantã, foi desautorizada pelo presidente brasileiro alegando que “o povo brasileiro não será cobaia de Ninguém” - a despeito de milhares de brasileiros já serem efetiva e voluntariamente cobaias para a vacina, pois tal é o processo científico.

Uma vez mais, a atuação na noosfera não se trata de uma operação ideológica, pois não há qualquer tipo de mascaramento das intenções: Bolsonaro chegou mesmo a admitir que o problema da vacina seria efetivamente sua origem chinesa. Pouco importou, nesse caso, o viés científico com que a vacina é testada, pois trata-se de modular os afetos e ressentimentos e encaixá-los em um trumpismo distorcido. Visão idêntica é

amplamente ecoada pelo chanceler brasileiro, que mistura Deus com política externa incrementando as teorias conspiratórias. Em uma formatura dos diplomatas no Instituto Rio Branco utilizou o termo covidismo alegando que “Tomam uma doença causada por um vírus, a Covid, e tentam transformá-la num gigantesco aparato prescritivo, destinado a reformatar e a controlar todas as relações sociais e econômicas do planeta, o covidismo”.

Portanto vemos que a atuação geopolítica dos EUA na noosfera encontra aliados como o presidente brasileiro, negando a globalização, mas dela se beneficiando para operar na noosfera. Nesse sentido, enquanto a China negocia o fornecimento de sua vacina para países em desenvolvimento – maquiando seus inúmeros problemas internos em um flagrante cinismo - nas palavras de Trump, as vacinas seriam como máscaras de oxigênio caindo do teto de um avião despressurizado, de modo que “você coloca a sua primeiro e depois procura ajudar os outros o mais rápido possível”. Em contraste à atuação norte-americana a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, esse tipo de postura acentua a concorrência para a capacidade de produção em massa da vacina, o que poderá restringir a aquisição de seus insumos e tornar seu preço inacessível a países mais pobres - o que não atingiria a dimensão global que caracteriza a pandemia. Levando em consideração que, de uma maneira geral, somente Reino Unido, EUA e União Europeia

conseguem produzir essas vacinas em larga escala, a dimensão global que qualifica a existência de uma pandemia não seria problematizada.

Desse modo, em maio desse ano, a Casa Branca anunciou a *Operation Warp Speed (OWS)*, uma iniciativa entre o Departamento de Defesa, o *Center for Disease Control and Prevention (CDC)*, outros departamentos do governo federal e os setores farmacêuticos privados para que, em janeiro de 2021, cerca de 300 milhões de vacinas sejam entregues. Não se trata aqui de questionar o mérito de priorizar Estado ou o sistema internacional no que diz respeito à vacina; mas sim, compreender a dinâmica envolvida quando a vacina é colocada em questão. Parece evidente que os movimentos de China e Rússia não ocorrem em nome de valores morais elevados, como o bem da saúde global, mas há um enquadramento de suas narrativas coerente ao que Arquilla e Ronfelt poderiam chamar de uma *noopolitik*. Embora sua adesão aos órgãos multilaterais seja inexpressiva, a *realpolitik* desses atores é operacionalizada a partir da noosfera, seja por ações de guerra cibernética, seja pela manipulação afetiva nas redes sociais.

Nesse escopo, atores não estatais como as companhias por trás das redes sociais também apresentam papel cada vez mais preponderante na geopolítica do vírus. Facebook e Twitter vem proibindo postagens que possam indicar práticas contrárias ao combate da Covid-19. Enquanto o Facebook banuiu um vídeo de Trump

alegando que crianças seriam imunes ao vírus; o Twitter acabou bloqueando cerca de 23.750 contas veiculando, dentre outras, narrativas falsas sobre as ações chinesas empreendidas para conter a Covid-19. Nesse escopo, também é de se destacar a recente parceria entre Wikipedia e a OMS, onde a agência da ONU irá licenciar boa parte de seu material para a Wikimedia *commons*, permitindo que sejam reproduzidos e traduzidos para 200 idiomas.

A atuação cada vez mais frequente desses atores não estatais ocorre em uma disputa geopolítica pela e a partir da noosfera. Além da guerra de tweets de Trump criticando o próprio Twitter, o presidente vem buscando anular a *Section 230*, instrumento jurídico que garante a legalidade do Facebook em bloquear conteúdos ofensivos. Mais ainda, há o potencial de Trump retirar-se da OMS, não sem antes ter drenado os recursos de saúde norte americanos em sua gestão. A China é ainda mais radical e simplesmente não permite a atuação dessas empresas a nível doméstico, tentando contorcer a noosfera dentro de seu território físico. Falar da eventual saída do US da OMS.

Desse modo, o que se pode verificar não é a novidade da emergência de atores não estatais e tampouco o emprego de “ações psicológicas” ao nível da política internacional. De outro modo, o que se diferencia com a pandemia é o regime por meio do qual a geopolíticas opera: o que define os atores de uma relação é a própria relação e é antes esta que tem se

diferenciado - porque se repete. Na geopolítica do vírus, repete-se dinâmica semelhante ao do dilema da segurança com as vacinas, na medida em que a competição por quem a produz primeiro é parte dos jogos de *hard power*. Entretanto, a legitimidade de uma suposta vitória, isto é, a comprovação científica de que a vacina funciona de fato – e o que mobilizaria a população a utilizarem-na – repousa na produção afetiva modulada pelo intenso fluxo de informações e não na cientificidade do tema. Daí a noosfera como terreno de disputa da geopolítica do vírus e como o diferente que aparece tendo em vista sua repetição.

É interessante notar que, diferentemente do determinismo histórico e científico de Mackinder e Mahan, por exemplo, em uma geopolítica do vírus, as “verdades científicas” são pulverizadas e espalhadas na caótica disponibilidade de informações da rede, veiculando não mais conhecimento, mas meros argumentos a figurarem como posts, prestes a serem julgados nas as *timelines* do Facebook ou do Twitter. Com isso, cada indivíduo que se imiscui no amálgama de dados processados pelos algoritmos de seu smartphone faz parte da totalidade aberta que é a noosfera. Com isso, a fronteira entre a produção de subjetividades e os interesses estatais é uma zona cinzenta que ganha positividade e transforma-se em instrumento estratégico.

Os Estados ainda são extremamente relevantes na política internacional, mas as linhas que os separam do sistema internacional são

antes os vínculos que os conectam por inteiro. Não seria um exagero inferir que a cabeça do leviatã, isto é, os cálculos políticos racionais, se encontram hoje pulverizados antes nos afetos que envolvem o corpo político como um todo, quer dizer, na pele do leviatã. Assim, tal qual os inúmeros conflitos que vinham se desdobrando na política internacional, a geopolítica do vírus vem ressaltando que os vetores de poder contemporâneos são linhas tortuosas, conectando dimensões díspares de uma estrutura internacional em movimento.

Considerações finais

Desse modo, podemos notar a importância em conferir os direitos às nuances trazidas pela geopolítica do vírus. Há que se reconhecer que os Estados existem em um ambiente internacional complexo e a tecnologia não é mais um mero instrumento adjacente a esse processo. Se há um movimento de afirmação da *realpolitik* desde 2008, ela ocorre em decorrência desse ambiente e a pandemia acaba por intensificá-la. Nesse sentido, o conceito de Império ainda se ancora a situação norte-americana nos pós Guerra Fria, inserindo um telos na política internacional que não se verificou.

Desse modo, a noosfera aparece, não para substituir os princípios geopolíticos esboçados desde o século XIX, mas fazê-los operar sob uma nova dinâmica. Assim, respondendo à pergunta com a qual iniciamos este trabalho, é a noosfera

que se afirma como a diferença em um regime de repetição geopolítico durante a pandemia. E nesse sentido, os EUA são exemplos eloquentes de como mobilizá-la, sem, no entanto empreender uma *noopolitik*, mas impulsionando aliados como o próprio Brasil.

Com isso, percebemos que a racionalidade que marca a passagem do século XIX para o XX hoje é embrulhada numa economia de afetos que mobilizam práticas por vezes perigosas. A pele do Leviatã é o que faz a política contemporânea acontecer.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. *Os Gigantes da Estratégia Naval: Alfred Thayer Mahan e Herbert William Richmond*. Curitiba: Editora Prismas, 2015.
- ARQUILLA, John; RONFELT, David. *The Emergence of Noopolitik: Toward an American Information Strategy*. Santa Mônica: RAND corporations, 2001.
- ARQUILLA, John; RONFELT, David. *The continuing promising of noopolitik: Twenty Years After*, 2018. Disponível em https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3259425
- AXELROD, Robert. Conflict of Interest: an axiomatic approach. *The Journal of Conflict Resolution*, Vol 11, No. 1, 1967, p. 87-99.
- BARKAWI, Tarak; LAFFEY, Mark. Retrieving the Imperial: Empire and International Relations. *Millennium: journal of International Studies*. Vol 31, No. 1, pp. 109-127, 2002.
- CHARDIN, Pierre Teilhard. *The future of Man*. Londres:Image Books, 1945.
- COHEN, Saul B. *The Geography of International Relations*. Nova Iorque: Roman&Littlefield, 2015.
- COSTA, Wanderley M. *Geografia Política e Geopolítica: discursos sobre território e poder*. São Paulo: HUCITE, 1992.
- DAMÁSIO, Antonio. *Self comes to Mind: Constructing the Conscious Brain*. Londres: Vintage, 2012.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- DELEUZE, Gilles. Nietzsche. Lisboa: Edições 70, 2016.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DELEUZE, Gilles. *Cinéma 2: L' Image-Temps*. Paris: Les éditions de minuit, 2012.
- DONNELLY, Jack: *Realism and International Relations*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000,
- FREEDMAN, Lawrence. *Strategy: a History*. Londres: Oxford University Press, 2013.
- GUATARRI, Felix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: editora 34, 2012.
- HERWIG, Holger H. *The Demon of Geopolitics: How Karl Haushofer "Educated" Hitler and Hess*. Londres: Rowmann&Litteflied, 2016.
- KAPLAN, Robert. A vingança da geografia. A construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

- LACOSTE, Yves. La Géographie, la géopolitique et le raisonnement géographique. *Herodote*, no. 146-147, 2012, p. 14-44.
- LAPOUJADE, David. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: n-1 edições, 2015.
- LATOUR, Bruno. *Jamais Fomos Modernos: Ensaios de Antropologia Simétrica*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- MACKINDER, H.J. The Geographical Pivot of History. *The Geographical Journal*. No. 04, vol. XXIII, abril, 1904.
- MAHAN, Alfred Thayer. *The Influence of Sea Power Upon History (1660 to 1783)* Nova Iorque: Dover, 1987 [1890].
- MORGENTHAU, Hans J. *Politics Among Nations: The Struggle for Power and Peace*, Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1948.
- NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. *Empire*. Cambridge: Harvard University press, 2000.
- SERRES, Michel. *Le Cinq Senses: philosophie des corps mêlés -1*. Paris: Grasset, 1985
- SLOAN, Geoffrey; GRAY, Colin. *Geopolitics, Geography and Strategy*. Londres: Routledge, 2005.
- TAMPIO, Nicholas. Assemblages and the Multitude: Deleuze, Hardt, Negri and the Postmodern Left. *European Journal of Political Theory*. Vol 8 (3), 2009, p. 383- 400.
- POSEN, Barry. The Security Dilemma and ethnic conflict. *Survival: Global Politics and Strategy*. Londres.No.35, volume 1, p. 27-47, 1993.
- TILL, Geoffrey. *Sea Power: A guide for the Twenty-First Century*. Londres: Routledge, 2018.
- TRAVASSOS, Mário. *Projeção Continental do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1947
- VERNADSKY, Wladimir. The Biosphere and the Noosphere. *American Scientist*. Vol. 33 no. 1. 1945, p. 1-14.
- VERNADSKY, Wladimir. *The Biosphere*. Nova Iorque: Springer Science+Business Media, 1998.
- WALTZ, Kenneth N. *Theory of International Politics*. Illinois: Waveland Press, 2010.
- WRIGHT, Ben c. Mrs. X and Containment. *Slavic Review*. Vol 35, No.1, março, Cambridge 1976.

Tabela 1

	CIBERESPAÇO	INFOSFERA	NOOSFERA
Princípio ideacional	Interconectividade e democracia	Prosperidade e interdependência	Compartilhamento de ideias
Exemplos Organizacionais	Órgãos técnicos de tratamento da informação como a <i>Computer Professionals for Social Responsibility</i>	CNN, Disney, Time Warner	ONG promotoras de paz, universidades, ONU
Condutores Tecnológicos	Internet e a rede global de computadores	Rádio, TV e os cabos	Sistemas de treinamento educacionais

Fonte: ARQUILLA, John; RONFELT, David. *Noopolitik: Toward an American Information Strategy*. Santa Mônica: RAND, 1999. p. 17. Trad. nossa.

Notas

1. LECOCQ, Thomas et. al. Global quieting of high-frequency seismic noise due to COVID-19 pandemic lockdown measures. *Revista Science*, Jul 2020. Disponível em <https://bit.ly/37BnB4o>.
2. Lippmann reagira à visão esboçada por George Kennan em um telegrama, posteriormente publicado na *Revista Foreign Affairs*, em 1947 onde Kennan utilizara o pseudônimo Mr X. Kennan foi um dos responsáveis por legitimar a doutrina norte americana da contenção em resposta à expansão da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e seu telegrama-artigo foi, em grandes linhas, uma análise política da União Soviética nos pós-Segunda Guerra Mundial durante o período em que o diplomata esteve em Moscou. A visão de Kennan sobre a URSS calcavam-se em estudos prévios realizados pelo norte-americano e enxergavam-na como uma potência militar em inexorável ascensão até tornar-se a maior do mundo, de modo a abalar os valores da civilização ocidental. O artigo de Kennan despertou críticas aguçadas de Lippman no *The New York Herald*, posteriormente transformadas em livro. Cf. WRIGHT, Ben c. Mrs. X and Containment. *Slavic Review*. Vol 35, No.1, março, Cambridge 1976.
3. FREEDMAN, Lawrence. *Strategy: a History*. Londres: Oxford University Press, 2013, p. 145.
4. SLOAN, Geoffrey; GRAY, Colin. *Geopolitics, Geography and Strategy*. Londres: Routledge, 2005. p. 02
5. COHEN, Saul B. *The Geography of International Relations*. Nova Iorque: Roman&Littlefield, 2015. p. 16
6. LACOSTE, Yves. La Géographie, la geopolitique et le raisonnement géographique. *Herodote*, no. 146-147, 2012, p. 14-44.
7. COSTA, Wanderley M. *Geografia Política e Geopolítica: discursos sobre território e poder*. São Paulo: HUCITE, 1992.
8. A concepção de afeto (*affectus*) aqui esposada é rente ao que Deleuze conceitua segundo a obra de Espinosa como “a variação contínua da força de existir de qualquer um, de maneira que tal variação é determinada pelas ideias que se tem”. Embora existam a partir das ideias, os afetos com elas não se confundem, na medida em que são um modo de pensar não representativo. Disponível em webdeleuze.com acesso em 22/10/2020 às 14:30.
9. Consideraremos por produção de subjetividade, a visão empregada por Félix Guatarri, buscando tratar, grosso modo do processo constante de produção do sujeito, na ideia de ultrapassar a oposição clássica entre sujeito individual e sociedade. Cumpre destacar, desse modo, a definição provisória esposada por Guatarri subjetividade é: “o conjunto das

condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial autorreferencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade a ela mesma.” Cf. GUATARRI, Felix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: editora 34, 2012. p. 19.

12. LACOSTE, Op cit.

13. COHEN, 2015.Op cit.

14. BACKHEUSER, Everardo. *Curso de Geopolítica Geral e do Brasil*. Rio de Janeiro: BIBLIX, 1954,p. 31.

15. Além da geopolítica, os cinco saberes propugnados por Kjellén são a *Economopolítica, Demopolítica, Sociopolítica e Cratopolítica*. Cf. BACKHEUSER, Op cit. Backheuser foi o responsável por introduzir a geopolítica nos cursos universitários brasileiros, sendo a obra em questão constituída pelos cursos que ministrou na PUC RJ no departamento de direito.

16. HERWIG, Holger H. *The Demon of Geopolitics: How Karl Haushofer “Educated” Hitler and Hess*. Londres: Rowmann&Litteflied, 2016.

17. bid.

18. MACKINDER, H.J. The Geographical Pivot of History. *The Geographical Journal*. No. 04, vol. XXIII, abril, 1904.

19. MACKINDER, Halford. *Democratic Ideals and Reality: Study in the Politics of Reconstruction*. Londres: Stable and Company, 1919. p. 194.

20. Ver. ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. *Os Gigantes da Estratégia Naval: Alfred Thayer Mahan e Herbert William Richmond*. Curitiba: Editora Prismas, 2015. p. e SUMIDA, Jon. Alfred Thayer Mahan Geopolitician In. GRAY, Colin; SLOAN, Geoffrey. Ed. *Geopolitics, Geography and Strategy*. Londres: Routledge, 2005. p 39-62.

21. Cf. TILL, Geoffrey. *Sea Power: A guide for the Twenty-First Century*. Londres: Routledge, 2018.

22. Ver HATTENDORF, John. *Mahan on Naval Strategy: selections from the writings of Rear Admiral Alfred Thayer Mahan*. Annapolis: Naval Institute Press, 2015.

23. HEPPLÉ, Leslie. The Revival of Geopolitics. *Political Geography Quarterly*. Sup. Vol 5, No. 04, 1986. p. S21-S36.

24. KAPLAN, Robert. A vingança da geografia. A construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013. 81-91.

25. Ibid.

26. TRAVASSOS, Mário. *Projeção Continental do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1947.

27. BACKHEUSER, Op cit. p - 56.

28. HEPPLÉ, op cit.
29. GRAY, SLOAN, Op cit. p. 01.
30. Ver, AXELROD, Robert. Conflict of Interest: an axiomatic approach. *The Journal of Conflict Resolution*, Vol 11, No. 1, 1967, p. 87-99.
31. Ver DONNELLY, Jack: *Realism and International Relations*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, MORGENTHAU, Hans J. *Politics Among Nations: The Struggle for Power and Peace*, Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1948, WALTZ, Kenneth N. *Theory of International Politics*. Illinois: Waveland Press, 2010,
32. BARKAWI, Tarak; LAFFEY, Mark. Retrieving the Imperial: Empire and International Relations. *Millennium: Journal of International Studies*. Vol 31, No. 1, pp. 109-127, 2002.
33. NEGRI e HARDT. p. 327.
34. Ibid. p. 188.
35. Ibid. p. 24.
36. Ibid. 182.
37. Ibid.
38. Ibid. p. 346.
39. TAMPIO, Nicholas. Assemblages and the Multitude: Deleuze, Hardt, Negri and the Postmodern Left. *European Journal of Political Theory*. Vol 8 (3), 2009, p. 383- 400.
40. DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2012. p. 218.
41. NEGRI e HARDT, Op cit. p. 28.
42. CHARDIN, Pierre Teilhard. *The future of Man*. Londres:Image Books, 1945. p. 125.
43. Ibid. p. 150.
44. VERNADSKY, Wladimir. *The Biosphere*. Nova Iorque: Springer Science+Business Media, 1998.
45. VERNADSKY, Wladimir. The Biosphere and the Noosphere. *American Scientist*. Vol. 33 no. 1. 1945, p. 1-14.
46. ARQUILLA, RONFELT. Op cit. p. 18.
47. ARQUILLA, John, RONFELT David. The promise of noopolitik. Disponível em <https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/1971/1846> acesso em 20/10/2020 às 10:00.
48. ARQUILLA, John; RONFELT, David. *The continuing promising of noopolitik: Twenty Years After*, 2018. Disponível em https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3259425 acesso em 20/10/2020 às 11:00.
49. ARQUILLA, RONFELT, 1999. p. 46.
50. ARQUILLA, RONFELT, 2018, p. 05.

51. LAPOUJADE, David. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: n-1 edições, 2015.
52. DELEUZE, Gilles. *Cinéma 2: L'Image-Temps*. Paris: Les éditions de minuit, 2012. p. 349
53. Ver DAMÁSIO, Antonio. *Self comes to Mind: Constructing the Conscious Brain*. Londres: Vintage, 2012.
54. SERRES, Michel. *Le Cinq Sense: philosophie des corps mêlés -1*. Paris: Grasset, 1985. p. 82-83.
55. Se no início da pandemia, a Amazon ficara sobrecarregada com a demanda intensa de novos produtos, meses depois, a empresa criou 175 000 novos empregos, além de adicionar 12 Boeings 767 a sua estrutura logística, além de discutir a aquisição de uma Start up de veículos autônomos avaliada em 2.7 bilhões de dólares. The Economy is Reeling. The Tech Giants Opportunity. *New York Times*, 13 de junho 2020. Disponível em <https://nyti.ms/2Hwkznm>, acesso em 22/10/2020 às 16:13.
56. Esse cenário ocorreu no início na crise e foi revertido a partir da intermediação do governo suíço. Coronavirus: European solidarity sidelined as French interests take priority, *Irish Times*, 30 de Março, 2020. Disponível em <https://bit.ly/3ksFDty> acesso em 22/10/2020 às 16:17.
57. Não somente para a Itália, mas para uma gama de países que vão das Filipinas ao Peru, e, mais recentemente, para o Brasil.
58. The rise and fall of Trump's obsession with hydroxychloroquine *The Washington Post*, 24 de abril de 2020. Disponível em <https://wapo.st/31xtj3A> acesso em 22/10/2020 às 16:17.
59. “O principal desafio para a prosperidade e segurança dos Estados Unidos é a emergência de uma competição estratégica de longo prazo por [...] potências revisionistas. É evidentemente claro que China e Rússia querem moldar um mundo continente a seu modelo autoritário” ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. *National Defense Strategy*, 2018, p. 02. Disponível em <https://bit.ly/2HwdTWz>.
60. Conta do Twitter de Donald J. Trump. Disponível em <https://bit.ly/31tB5eT> acesso em 22/10/2020 às 18:50.
61. *New York Times* 28 de julho 2020 <<https://nyti.ms/3okFPNN>> acesso em 03/08/2020 às 12:00.
62. *New York Times*, 20 de julho 2020 <<https://nyti.ms/2IPY8Kg>> acesso em 02/08/2020 às 17:00.
63. Disponível em <<https://bit.ly/3kIDfVm>> acesso em 02/08/2020 às 17:00.

64. Disponível em <https://bit.ly/2ThJ8H7> acesso em 02/08/2020 às 17:00. necessários para fabrica-la.
65. New York Times, 10 de maio 2020 <<https://nyti.ms/2Htdx2N> > acesso em 02/08/2020 às 17:00.
66. Disponível em <https://www.reuters.com/article/us-health-coronavirus-china-vaccine-anal/at-war-time-speed-china-leads-covid-19-vaccine-race-idUSKBN2481NO>
67. Folha de São Paulo, 22 de outubro de 2020. Disponível em <https://bit.ly/31yHvtk> acesso em 22/10/2020 às 22:00.
68. In BOLLYKY, Thomas; BOWN, Chad. The Tragedy of Vaccine Nationalism: Only Cooperation can End the Pandemic. *Foreign Affairs*, julho 2020. Disponível em <<https://fam.ag/3juBGmQ> > acesso em 02/08/2020 às 17:00.
69. Nesse sentido, o instituto Serum na Índia e, possivelmente, a Fiocruz no Brasil por exemplo, são exceções ao clube dos “países ricos” e que, podem, portanto, produzir vacinas em larga escala.
70. Não custa destacar que isso já aconteceu durante epidemia de Influenza A H1N1 ou “gripe suína”. Após o desenvolvimento de uma vacina, sete meses depois do início da crise, esses mesmos atores compraram virtualmente todos os suprimentos
71. Disponível em <https://bit.ly/2HtD5fU> acesso em 22/10/2020 às 22:00. Ver também <https://www.defense.gov/Explore/Spotlight/Coronavirus/Operation-Warp-Speed/> .
72. Facebook removes Trump post over false Covid-19 claim for first time, *The Guardian* 6 de agosto de 2020. Disponível em <https://bit.ly/3dS5o3K> acesso em 22/10/2020 às 22:00.
73. Analysis of June 2020 Twitter takedowns linked to China, Russia and Turkey, *Stanford Internet Observatory*. Disponível em <https://stanford.io/2TwPWAZ> acesso em 22/10/2020 às 22:00.
74. Wikipedia and W.H.O. Join to Combat Covid Misinformation. The New York Times. 22 de outubro de 2020. Disponível em <https://nyti.ms/3meFNVF> 23/10/2020 às 09:44.
75. É a chamada proteção para “bons samaritanos” como consta na lei. Disponível em <https://www.law.cornell.edu/uscode/text/47/230>
76. O dilema da segurança é a dinâmica paradoxal envolvida na decisão de armar-se para defender-se contra outro Estado potencialmente agressor instigando este último a fazer o mesmo e tornando a segurança

pretendida cada menos factível, se não a partir de um maior armamento, o que eventualmente levará a uma corrida armamentista. Essa visão clássica é ancorada em um entendimento das relações internacionais como um jogo completamente racional e previsível de movimentos, o que, embora tenha elevada relevância nos dias de hoje, não mais dão conta das imprevisibilidades como a trazida pela própria covid.

Resumo

A pandemia trazida pela Covid-19 afetou as relações internacionais e intensificou dinâmicas que já estavam em curso, no mínimo, desde a crise global de 2008. Diz-se que a geopolítica, incorporando as noções entre poder e território, marca o período atual, sob a pecha de uma nova Guerra Fria entre EUA e China. Porém, empregar a geopolítica ainda sob a perspectiva através da qual emerge, ao fim do século XIX, revela-se um flagrante anacronismo incapaz de dar conta das complexidades que se apresentam. Sendo assim, este artigo aborda o problema de perscrutar a diferença apresentada pela política internacional durante a crise da Covid-19. Objetiva-se indicar políticas que norteiam a dinâmica internacional, criando as condições para se construir o amanhã da pandemia. A hipótese central que atravessará as páginas segue situa-se na concepção de que, em uma geopolítica do vírus, embora a Covid-19 seja engendrada pelos interesses dos atores internacionais, a disputa de poder ocorre através de outro "território" denominado *noosfera*. Em uma análise qualitativa, por meio de revisão bibliográfica, situa-se o surgimento da geopolítica e como ela se insere na dinâmica política global; explica-se o conceito de Império, como esboçado por Negri e Hardt e, ante às limitações dessa abordagem, apresenta-se o conceito de noosfera e seus desdobramentos políticos, a partir das obras de Deleuze.

Palavras chave: Noosfera; Leviatã; Covid-19; Geopolítica.

Abstract

The pandemic brought about by Covid-19 affected international relations and intensified dynamics that had been ongoing, at least, since the global crisis of 2008. It is said that geopolitics, incorporating the notions between power and territory, marks the current period, under the banner of a new Cold War between the USA and China. However, employing geopolitics still from the perspective through which it emerges, at the end of the 19th century, reveals itself to be a flagrant anachronism unable to cope with the complexities that are presented. Thus, this article addresses the problem of looking at the difference presented by international politics during the Covid-19 crisis. The objective is to indicate policies that guide the international dynamic, creating the conditions to build the tomorrow of the pandemic. The central hypothesis that will cross the following pages is the conception that, in a geopolitics of the virus, although Covid-19 is engendered by the interests of international actors, the power struggle occurs through another "territory" called the noosphere. In a qualitative analysis, through bibliographic review, the emergence of geopolitics and how it is inserted in the global political dynamics is located; the concept of Empire is explained, as outlined by Negri and Hardt and, given the limitations of this approach, the concept of noosphere and its political developments is presented, based on the works of Deleuze. **Keywords:** Noosphere; Leviathan; Covid-19; Geopolitics.